

LEV GROSSMAN
OS MAGOS

Tradução de Otávio Albuquerque



Título original em inglês: *The magicians*.

Copyright © 2009 by Lev Grossman.

Amarilyls é um selo editorial Manole.

Este livro contempla as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil.

Capa

Marianne Lépine

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Depto. editorial da Editora Manole

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grossman, Lev

Os magos / Lev Grossman ; tradução de Otávio

Albuquerque. -- Barueri, SP: Manole, 2011

Título original: *The magicians*.

1. Romance norte-americano I. Título

10-11621

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana 813

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão expressa dos editores.

É proibida a reprodução por xerox.

A Editora Manole é filiada à ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos.

1ª edição brasileira – 2011

Editora Manole Ltda.

Av. Ceci, 672 – Tamboré

06460-120 – Barueri – SP – Brasil

Tel. (11) 4196-6000 – Fax (11) 4196-6021

www.manole.com.br / www.amarilyseditora.com.br

info@amarilyseditora.com.br

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

BRAKEBILLS

Ele não riu. Quentin ficou grato por isso depois.

— Norte? — repetiu Quentin. — Tipo o quê, Vassar?

— Eu vi você chegando — disse o garoto. — Venha, você tem de ir até a Casa.

Ele jogou o cigarro fora e começou a atravessar o vasto jardim. Ele nem se virou para ver se Quentin o estava seguindo, o que Quentin a princípio não fez, mesmo, mas um medo repentino de ficar sozinho ali naquele lugar fez com que ele se mexesse e corresse para alcançar o rapaz.

O gramado era enorme, grande como uma meia dúzia de campos de futebol. O caminho pareceu levar uma eternidade. O sol ardia na nuca de Quentin.

— Então, qual é o seu nome? — perguntou o jovem, deixando claro pelo tom de voz que não tinha o mínimo interesse na resposta.

— Quentin.

— Que bonito. De onde você é?

— Brooklyn.

— Quantos anos?

— Dezesete.

— Meu nome é Eliot. Não me diga mais nada, não quero saber. Não quero me apegar.

Quentin teve de apertar o passo para acompanhar Eliot. O rosto daquele jovem tinha alguma coisa estranha. A postura dele era muito correta, mas a boca era torta para um lado, formando uma espécie de careta per-

manente que revelava alguns dentes despontando para dentro e para fora em ângulos bizarros. Aquilo parecia uma daquelas pequenas deformações causadas por problemas no parto, talvez por conta de mau uso do fórceps pelo médico.

No entanto, apesar da aparência estranha, Eliot tinha um ar de autoconfiança tão natural que despertou em Quentin um desejo enorme de ser amigo dele, ou de apenas *ser* como ele e ponto final. Estava claro que ele era uma daquelas pessoas que se sentia em casa no mundo – alguém que nadava com tranquilidade pela vida, enquanto Quentin se sentia forçado a se debater o tempo inteiro em um esforço exaustivo e humilhante só para conseguir respirar um pouco.

— E então, como é este lugar? — perguntou Quentin. — Você vive aqui?

— Você diz aqui em Brakebills? — respondeu ele, distraído. — Sim, acho que sim. — Eles já estavam no outro lado do gramado. — Se é que você chama isto de vida.

Eliot levou Quentin até uma abertura em uma cerca viva alta que dava para um labirinto de arbustos imerso em sombras. Os galhos estavam perfeitamente aparados, formando uma complexa rede fractal de corredores que desembocavam em pequenas alcovas e pátios sombreados. A vegetação era tão densa que bloqueava por completo a entrada de luz, mas alguns feixes dourados e grossos de sol desciam aqui e ali, cruzando o caminho. Eles passaram por uma fonte de água cristalina e depois por uma estátua sombria de pedra branca já bem castigada pela chuva.

Levaram uns bons cinco minutos até saírem do labirinto por uma abertura ladeada por dois enormes arbustos podados na forma de ursos erguidos sobre as patas traseiras, chegando a um terraço de pedra entre as sombras da casa que Quentin avistara de longe. Uma brisa fez um dos grandes ursos virar um pouco a cabeça na direção dele.

— Acho que o reitor já vai descer pra falar com você — disse Eliot. — O meu conselho é o seguinte: sente-se aí... — Ele apontou para um banco velho de pedra, como se estivesse dando uma ordem para um cãozinho treinado. — E tente não parecer muito deslocado. E, se você disser pra ele que me viu fumando, vou mandar você pro círculo mais baixo do inferno. Eu

nunca estive lá, mas se metade do que ouvi falar for verdade, o lugar deve ser quase tão ruim quanto o Brooklyn.

Eliot desapareceu entre o labirinto de arbustos, e Quentin ficou sentado no banco como um menino obediente. Ele ficou olhando para os ladrilhos cinzentos de pedra no chão entre os sapatos pretos e brilhantes que tinha posto para a entrevista, com a mochila e o casaco no colo. “Isso não é possível”, pensou ele com toda a lucidez; essas palavras passavam pela cabeça dele, mas não encontravam sustento algum naquele mundo ao seu redor. Era como se ele estivesse tendo uma experiência alucinógena nada desagradável. Os ladrilhos do chão tinham complexos padrões entalhados; pequeninos ramos encaracolados ou talvez até palavras de uma caligrafia rebuscada que agora já estavam ilegíveis pelo desgaste do tempo. O ar estava cheio de minúsculas partículas e sementes que pairavam em meio à luz do sol. “Se isto aqui for um delírio”, pensou Quentin, “meu cérebro delirou em *high definition*”.

O silêncio era a parte mais estranha. Por mais que tentasse, ele não conseguia ouvir nem um carro sequer. Era como se ele estivesse dentro de um filme que teve a trilha de fundo cortada de repente.

Um par de portas francesas sacudiu algumas vezes e então se abriu. Um homem alto e gordo usando um terno listrado veio até o terraço.

— Boa tarde — disse ele. — Você deve ser Quentin Coldwater.

Ele falava de um jeito muito correto, como se quisesse ter um sotaque britânico, mas não fosse pretensioso o bastante para fingir algo do tipo. Tinha um rosto aberto, de feições gentis, e cabelos loiros e finos.

— Sim, senhor. — Quentin nunca havia chamado um adulto ou qualquer outra pessoa de “senhor” antes na vida, mas, de alguma maneira, isso lhe pareceu adequado.

— Seja bem-vindo à Faculdade de Brakebills — disse o homem. — Imagino que já tenha ouvido falar de nós.

— Na verdade, não — respondeu Quentin.

— Certo, certo. Você recebeu a chance de fazer um teste preliminar para a nossa instituição. Você aceita?

Quentin não sabia o que dizer. Essa não era uma das perguntas para as quais ele havia se preparado quando acordou hoje de manhã.

— Não sei... — disse ele, piscando. — Digo, acho que não sei bem.

— É uma resposta perfeitamente compreensível, mas, infelizmente, não posso aceitá-la. Preciso de um sim ou de um não. É só um teste — completou ele, prestativo.

Quentin foi tomado por uma intuição inexplicável, mas muito forte, de que se dissesse não, aquele mundo inteiro desapareceria antes mesmo que ele terminasse de falar, e ele se veria sozinho em meio à chuva fria e os montes de cocô de cachorro da First Street, sem entender por que parecia estar sentindo o calor do sol na própria nuca até um segundo atrás. E ele não estava pronto para isso. Ainda não.

— Claro, tudo bem — disse ele, sem querer soar muito ansioso. — Aceito, sim.

— Esplêndido! — O reitor era uma daquelas pessoas superficialmente alegres, cuja alegria não aparecia tanto nos olhos. — Vamos ao teste, então. Meu nome é Henry Fogg... sem piadinhas, por favor, eu já ouvi todas elas... e você pode me chamar apenas de reitor. Venha comigo. Você foi o último a chegar, eu acho — disse ele.

Na verdade, nenhuma piadinha passou pela cabeça de Quentin*. O ambiente dentro da casa era frio e tranquilo, com um aroma rico e insinuante de livros, tapeçarias orientais, madeira velha e tabaco pairando pelo ar. O reitor caminhava na frente dele, impaciente. Os olhos de Quentin levaram algum tempo até se adaptarem. Os dois atravessaram às pressas uma sala de estar adornada com melancólicas pinturas a óleo, passaram por um corredor estreito com paredes de madeira e, então, subiram vários lances de escada até chegarem a uma porta pesada de madeira maciça.

Assim que ela se abriu, centenas de olhos se viraram e se concentraram em Quentin. A sala era longa, arejada e cheia de carteiras individuais de madeira dispostas em fileiras. Adolescentes de caras sérias ocupavam cada uma delas. Era uma sala de aula, mas não como as que Quentin estava acostumado a ver, onde as paredes eram de concreto e cobertas com quadros de avisos e cartazes com gatinhos pendurados em galhos com a frase AGUENTE FIRME! escrita embaixo com letras gorduchas. As paredes desta clas-

* Talvez por conta de "Fogg" tratar-se de uma gíria um tanto obscura para "*Fat Old Gray Guy*" (algo como Velho Gordo e Grisalho). (Nota do tradutor)

se eram feitas de pedras antigas. Ela era tomada pela luz do sol e se estendia ao longe para todos os lados. Parecia até um truque de espelhos.

A maioria dos jovens era da idade de Quentin, ou um pouco mais novos, e pareciam pertencer ao mesmo estrato geral de popularidade ou falta dela. Mas nem todos. Havia alguns punks com moicanos ou cabeças raspadas, um contingente considerável de góticos e um daqueles judeus ortodoxos, um *hasid*. Uma garota bem alta com óculos enormes de aro vermelho não parava de olhar com um sorriso abobado para todo mundo. Algumas das meninas mais novas pareciam ter acabado de chorar. Um garoto estava sem camisa e tinha tatuagens verdes e vermelhas cobrindo as costas inteiras. “Meu Deus”, pensou Quentin, “que tipo de pais deixariam o filho fazer isso?” Um outro estava em uma cadeira de rodas motorizada. Outro não tinha o braço esquerdo. Ele usava uma camisa social preta com uma das mangas dobrada para cima, fechada com uma presilha de prata.

Todas as carteiras eram idênticas e tinham um caderno de prova comum de papel azul em branco com um lápis nº 3 muito fino e bem apontado logo ao lado. Isso foi a primeira coisa familiar que Quentin viu por ali. Havia uma carteira vazia mais para o fundo da sala, onde ele se sentou e, então, arrastou a cadeira para a frente com um rangido ensurdecido. Ele quase achou ter visto o rosto de Julia entre a multidão de estudantes, mas ela logo se virou. E, de qualquer jeito, não havia tempo para se pensar nisso agora. Na frente da sala, o reitor Fogg limpou a garganta.

— Muito bem — disse ele. — Algumas explicações preliminares. O teste deverá ser feito em silêncio. Sintam-se à vontade para olhar para as provas dos seus colegas, mas elas aparecerão em branco para vocês. Seus lápis não precisarão ser apontados novamente. Caso algum de vocês queira tomar um copo d’água, basta erguer três dedos sobre a cabeça, assim — explicou ele, demonstrando o gesto. — Não se preocupem por acharem que não estão preparados para o teste. Não há como estudar para ele, embora seja igualmente verdadeiro dizer que vocês se prepararam para ele durante suas vidas inteiras. Só existem dois resultados possíveis: “aprovado” ou “reprovado”. Aqueles que forem aprovados passarão para a segunda fase do teste. Caso sejam reprovados, e a maioria de vocês será, voltarão para as suas casas com um álibi plausível e quase nenhuma memória de toda esta experiência. A duração do teste será de duas horas e meia. Podem começar.

O reitor voltou até o quadro negro e desenhou um relógio. Quentin olhou para o caderno de prova na carteira dele. Ele não estava mais em branco. As folhas agora estavam sendo preenchidas com perguntas, as letras literalmente brotavam no papel bem na frente dos olhos dele.

A sala foi tomada pelo farfalhar coletivo das folhas, como um bando de aves levantando voo. As cabeças de todos se abaixaram em uníssono. Quentin reconheceu esse movimento: era o movimento de uma multidão de exímios matadores de provas da mais alta classe se preparando para um massacre.

Mas tudo bem. Ele era um deles.

Quentin não tinha planejado passar o resto da tarde – ou da manhã, ou de seja lá o quê – fazendo uma prova sobre um assunto desconhecido para uma instituição de ensino desconhecida em alguma misteriosa zona climática alternativa onde ainda era verão. Ele deveria estar no Brooklyn, morrendo de frio e sendo entrevistado por um senhor de idade aleatório que agora estava morto. Mas a lógica dessa nova conjuntura imediata se sobrepunha a todas as outras preocupações dele, por mais bem fundadas que fossem. E ele nunca foi de argumentar contra a lógica.

Grande parte do teste era de cálculo, coisas bem básicas para Quentin, que tinha um misterioso dom tão avançado para matemática que seu colégio até foi forçado a terceirizar essa parte do currículo dele para a Faculdade do Brooklyn. Nada tão assustador, só alguns problemas pomposos de geometria diferencial e algumas pegadinhas de álgebra linear. Mas a prova tinha elementos mais exóticos também. Algumas das perguntas pareciam ser totalmente sem sentido. Uma delas mostrava o verso de uma carta de baralho – não uma carta em si, mas o *desenho* do verso de uma carta, veja bem, mostrando uma estampa padrão de sempre – e perguntava que carta era aquela. Qual era o sentido disso?

Uma outra questão trazia um trecho de *A tempestade* e pedia para que ele inventasse uma língua e depois traduzisse Shakespeare para essa língua fictícia. Em seguida, havia perguntas sobre a ortografia e gramática dessa língua inventada, e depois – com todo o respeito, pra quê? –, perguntas sobre os supostos traços da geografia, cultura e sociedade do país fictício

onde essa língua inventada era o idioma oficial. Depois, era preciso traduzir o trecho original da língua inventada de volta para o inglês, dando atenção especial para qualquer possível distorção resultante de gramática, escolha lexical e significado. Fala sério! Ele sempre se esforçara ao máximo nas provas, mas, neste caso, ele nem sabia ao certo como se esforçar.

O teste também ia mudando conforme ele avançava. A parte de interpretação de texto mostrava um parágrafo que ia sumindo durante a leitura até desaparecer por completo e depois havia perguntas sobre o trecho. Devia ser algum tipo de papel eletrônico – ele já não tinha lido sobre isso em algum lugar? Tinta digital? Mas a qualidade era perfeita. Outro teste pedia que ele desenhasse um coelho que não parava quieto no lugar – assim que as patas foram desenhadas, ele começou a se coçar, todo serelepe, e depois saiu pulando para a página ao lado, onde começou a morder as outras questões, e Quentin teve que persegui-lo com o lápis para terminar os pelos. Ele por fim conseguiu acalmar o bichinho com alguns rabinetes desenhados às pressas, e depois fez uma cerca em volta para que ele não escapasse.

Ele logo se esqueceu de tudo e passou a se concentrar apenas em preencher um bom espaço com sua bela caligrafia ao lado de cada uma das questões, atendendo a quaisquer exigências bizarras que a prova fizesse. Ele só tirou os olhos da carteira depois de uma hora de prova. A bunda dele doía. Ele se ajeitou na cadeira. Os feixes de sol que entravam pelas janelas já estavam em lugares diferentes.

Outra coisa estava diferente também. Quando ele começou, todas as carteiras estavam ocupadas, mas agora algumas aqui e ali já estavam vazias. Ele não tinha visto ninguém saindo. Um calafrio de dúvida gelou o estômago de Quentin. Meu Deus, eles já devem ter terminado. Ele não estava acostumado a ficar por último na classe. Quem eram essas pessoas? As palmas de suas mãos estavam úmidas de suor, e ele as enxugou nas pernas.

Assim que Quentin virou para a página seguinte do caderno de prova, viu que ela estava em branco, a não ser por uma única palavra bem no centro da página: *FIN*, impressa com uma rebuscada fonte em itálico, como no fim de um filme antigo.

Ele se encostou para trás na cadeira e esfregou os olhos com as bases das mãos doloridas. Bom, lá se foram duas horas da vida dele. Quentin ain-

da não tinha visto ninguém se levantar ou sair, mas a população da sala estava cada vez menor. Agora só restavam talvez mais uns cinquenta jovens fazendo a prova, e havia mais carteiras vazias que ocupadas. Era como se as pessoas saíssem de fininho toda vez que ele virava a cabeça. O punk tatuado sem camisa ainda estava lá. Ele já devia ter terminado, ou desistido, porque estava só de boqueira, pedindo mais e mais copos d'água. A carteira dele já estava cheia de copos. Quentin passou os últimos vinte minutos olhando para a janela, enquanto treinava girar o lápis entre os dedos.

O reitor voltou para falar com os jovens.

— Tenho o prazer de informar que todos vocês foram aprovados para a próxima fase do teste — disse ele. — Esta fase será realizada individualmente por membros da Faculdade de Brakebills. Enquanto isso, aproveitem para tomar um refresco e conversar entre si.

Quentin contou apenas vinte e duas mesas ainda ocupadas. Bizarra-mente, um mordomo todo certinho de luvas brancas entrou ali em silêncio e começou a circular pela sala. Ele deu a cada um deles uma bandeja de madeira com um sanduíche – pão azedo com pimentão vermelho grelhado e mussarela fresquinha –, uma pera madura e um tablete grosso de chocolate amargo. Em seguida, serviu a cada estudante um copo de um líquido turvo e espumante de uma garrafa individual sem rótulo. No fim, era refrigerante de *grapefruit*.

Quentin comeu e depois foi até a frente da classe, onde a maior parte dos outros estudantes estava reunida. Ele sentiu um alívio quase patético por ter chegado até ali, mesmo sem saber por que tinha sido aprovado e os outros não, ou o que receberia em troca disso. O mordomo estava pondo com toda paciência a tilintante coleção de copos d'água do punk em uma bandeja. Quentin procurou Julia, mas ou ela já havia sido eliminada, ou simplesmente nunca esteve ali.

— Eles deveriam ter limitado — explicou o punk, que disse se chamar Penny. Ele tinha um rosto tranquilo, de um ar distraído, que contrastava bastante com o resto de sua aparência um tanto agressiva. — Quanta água eu podia pedir? Tipo, uns cinco copos no máximo. Adoro encontrar essas brechas, onde o sistema se ferra com as próprias regras. — Ele encolheu os ombros. — Enfim, eu só estava entediado. A prova me disse que eu já tinha acabado depois de uns vinte minutos.

— Vinte minutos? — Quentin ficou dividido entre admiração e inveja.
— Meu Deus, eu levei duas horas.

O punk encolheu os ombros de novo e fez uma careta.

— E o que você quer que eu diga?

Entre os candidatos, a camaradagem e a desconfiança andavam juntas. Alguns trocavam nomes, cidades de origem e cuidadosas observações sobre a prova, mas quanto mais tentavam comparar suas respostas, mais percebiam que não tinham feito o mesmo teste. Havia gente do país inteiro e até dois estudantes vindos de uma mesma reserva inuíte em Saskatchewan. Todos rodaram pela sala, contando suas histórias de como haviam chegado até ali. Nenhuma era exatamente igual, mas sempre havia algo de familiar entre elas. Alguém que entrou em um beco atrás de uma bola perdida, ou de uma cabra que fugiu para dentro de uma vala, ou alguém que seguiu um cabo misterioso na sala de computadores do colégio que ia até um armário de servidor que ninguém nunca tinha visto antes. E, depois, todos passaram pelo mesmo gramado verdejante sob o calor do verão, sendo levados por alguém até a sala da prova.

Assim que o almoço acabou, professores começaram a aparecer, chamando os candidatos pelos nomes. A ordem era alfabética e por sobrenome, então, só levaram alguns minutos até que uma mulher sisuda de uns quarenta anos com cabelos escuros na altura dos ombros chamasse Quentin Coldwater. Ele a seguiu até uma sala estreita com paredes de madeira e janelas altas com vista de uma altura surpreendente para o jardim que ele havia atravessado algumas horas antes. As vozes que saíam da sala de entrevista adjacente foram cortadas de repente assim que a porta se fechou. Lá dentro havia uma mesa de madeira longa, velha e extremamente grossa, com duas cadeiras, uma de frente para a outra.

Quentin estava atordoado. Essa coisa toda era ridícula demais. Mas ele se forçou a manter o foco. Isso era uma competição, e ele adorava competições. Era isso o que ele fazia de melhor, e ele podia sentir que suas chances de vitória estavam aumentando. A mesa estava vazia, a não ser por um baralho e uma dúzia de moedas empilhadas.

— Soube que você gosta de truques de mágica, Quentin — disse a mulher. Ela tinha um sotaque muito sutil, algo europeu, mas difícil de identificar. Seria islandês? — Que tal me mostrar alguns deles?

Sim, Quentin gostava de truques de mágica. Ele tinha começado a se interessar por mágica há uns três anos, inspirado em partes pelos seus hábitos de leitura, mas principalmente como uma forma de engrossar suas atividades extracurriculares com algo que não o forçasse a interagir com outras pessoas. Quentin passou centenas de horas em pleno vácuo emocional com seu iPod, fazendo moedas sumirem, embaralhando cartas e tirando flores artificiais de bengalas finíssimas, absorto em um transe de tédio. Ele via e revia fitas de treinamento que quase pareciam filmes pornôds, com imagens granuladas onde homens de meia-idade demonstravam truques de mágica em close com lençóis de cama esticados como pano de fundo. Quentin descobriu que a mágica não tinha nada de romântico. Era uma coisa mecânica, repetitiva e ilusória. E ele deu muito duro e ficou muito bom nisso.

Havia uma loja perto da casa dele que vendia artigos de mágica, além de outras tralhas eletrônicas, jogos antigos de tabuleiro, pedras de estimacão e vômito de plástico. Ricky, o cara do balcão que não tinha bigode, mas usava barba e costeletas como um fazendeiro *amish*, aceitou a contragosto dar algumas dicas a Quentin. Não demorou muito para que o aprendiz superasse o mestre. Aos dezessete anos, Quentin já sabia fazer vários truques com moedas e cortes complexos de baralho com uma só mão, além de malabarismos impressionantes com três bolas e, às vezes, em curtos intervalos de puro êxtase, até com quatro. Ele ganhava pequenos dividendos de popularidade na escola sempre que demonstrava sua precisão robótica e impecável ao lançar uma simples carta de baralho virada de lado, acertando a três metros de distância uma das insípidas maçãs farelentas que eram servidas no refeitório.

Quentin começou pelas cartas. Ele se exibiu com suas técnicas de embaralhar e, então, separou-as em um embaralhamento *faro* em vez do *riffle* padrão, caso – quem dera – a mulher ali sentada soubesse a diferença e o quão infinitamente mais difícil era fazer um bom *faro*.

Ele fez a apresentação de sempre, que já era bem calculada para ostentar o máximo possível de habilidades diferentes: cortes e embaralhamentos falsos, erguidas de carta, jogadas de mão, viradas surpresa e adivinhações. Entre os truques, ele jogava as cartas em cascata ou avalanche de uma mão para a outra. Ele também tinha uma série de falas preparadas

para acompanhar o número, mas elas pareciam desengonçadas e vazias nesta linda sala tranquila e arejada, diante desta senhora tão bonita e austera. As palavras se esvaíram no ar. Ele atuou calado.

As cartas farfalhavam e estalavam em meio ao silêncio. A mulher o observava com firmeza, escolhendo obediente uma carta sempre que ele pedia, mas sem mostrar a mínima surpresa quando ele puxava a certa – por mais improvável que fosse! – do meio do maço totalmente embaralhado, do bolso da camisa ou até mesmo do nada.

Ele passou para as moedas. Níqueis novinhos em folha, bem polidos e de bordas perfeitas. Como não tinha nenhum outro objeto, copos ou lenços, ele teve que recorrer aos passes, floreios e truques de mão, mesmo. A mulher o observou em silêncio por um instante e, então, se inclinou sobre a mesa, pondo a mão no braço dele.

— Faça esse de novo — pediu ela.

Ele repetiu o truque. Era um bem antigo, a Moeda Errante, que consistia em fazer uma moeda (três, na verdade) mudar misteriosamente de uma mão para a outra. Ele mostrava a moeda para a plateia e então a fazia desaparecer; depois fingia tê-la perdido por completo e a fazia reaparecer em triunfo mais uma vez, apenas para fazê-la desaparecer de novo contra a palma aberta da própria mão bem na frente de todos. Na verdade, era tudo só uma sequência bem treinada de gestos muito simples de pegar e soltar, finalizada por um truque bastante pomposo de retenção de visão.

— Faça de novo.

Ele repetiu o truque. Ela o deteve no meio do processo.

— Nessa parte... você errou.

— Onde? — Ele franziu a testa. Não era nenhum erro. — É assim que eu faço.

Ela repuxou os lábios e balançou a cabeça.

— Deixe-me lhe mostrar.

Ela pegou três moedas da pilha e, sem hesitar um instante sequer ou dar qualquer indicação de que aquilo exigia algum esforço especial, demonstrou o truque da Moeda Errante com maestria. Quentin não conseguia tirar os olhos das pequenas mãos morenas e ágeis da mulher. Seus movimentos eram suaves e mais precisos do que os de qualquer outro profissional que ele já tivesse visto.

Ela parou no meio.

— Viu aqui, onde a segunda moeda tem que ir de uma mão para a outra? Você precisa fazer um passe reverso, segurando assim. Aqui, venha aqui atrás para ver.

Obediente, ele contornou a mesa e se posicionou atrás da mulher, tentando não olhar para o decote dela. Ela tinha as mãos muito menores do que as dele, mas a moeda desaparecia entre os seus dedos como um passarinho no meio de um arbusto. Ela repetiu o movimento para ele bem devagar, de trás para frente e de frente para trás, passo a passo.

— É assim que eu estava fazendo — disse ele.

— Então me mostre.

Agora já sorrindo abertamente, ela o pegou pelo pulso para detê-lo no meio do truque.

— Certo. Onde está a segunda moeda?

Ele abriu as mãos, virando as palmas para cima. A moeda estava... bom, ela não estava mais ali. Ela tinha sumido. Ele virou as mãos, sacudiu os dedos, procurou na mesa, no próprio colo, no chão. Nada. Ela tinha desaparecido mesmo. Será que ela tinha pegado a moeda enquanto ele não estava vendo? Com aquelas mãos rápidas e esse sorriso de Mona Lisa dela, nada era impossível.

— Foi o que eu pensei — disse ela, levantando-se. — Obrigada, Quentin, vou chamar o próximo examinador.

Quentin a viu deixar a sala, ainda encucado com o sumiço da moeda. Pela primeira vez na vida, ele não sabia se tinha ido bem ou mal em um teste.

A tarde inteira foi assim: professores entrando e saindo pela porta. Era como um sonho, um sonho longo e confuso sem nenhum sentido aparente. Teve um senhor de cabeça trêmula que enfiou as mãos nos bolsos da calça e jogou um monte de cordões velhos e desgastados cheios de nós sobre a mesa, e então ficou cronometrando enquanto Quentin os desamarrava. Uma jovem tímida e bonita que parecia ser só um pouco mais velha que Quentin pediu para que ele desenhasse um mapa detalhado da Casa e das cercanias com base no que ele havia visto desde que chegou. Um sujeito falan-

te e sagaz com uma cabeça enorme o desafiou em uma estranha variação de xadrez relâmpago. Depois de um tempo, ele já nem conseguia mais levar aquilo a sério – era como se o bom senso dele fosse o verdadeiro alvo dos testes. Um homem gordo de cabelos ruivos e postura arrogante soltou um pequenino lagarto com asas luminescentes de beija-flor e enormes olhos arregalados na sala. Ele não disse mais nada, apenas cruzou os braços e ficou sentado na borda da mesa, que rangeu descontente sob o peso dele.

Por falta de ideia melhor, Quentin tentou fazer com que o lagarto pousasse no dedo dele. A criatura desceu voando e arrancou a dentadas um pedacinho do antebraço dele, fazendo escorrer uma gota de sangue, depois saiu zunindo e ficou se debatendo contra a janela como uma abelha. O homem gordo entregou um *band-aid* a Quentin sem dizer nada, pegou o lagarto e foi embora.

Por fim, a porta se fechou e não foi mais aberta. Quentin respirou fundo e girou os ombros. Pelo visto, o processo tinha acabado, ainda que ninguém tivesse se dado ao trabalho de dizer nada para ele. Pelo menos ele pôde aproveitar alguns minutos de paz. O Sol já estava se pondo. Não dava para ver isso da sala de entrevista, mas ele podia ver uma fonte, onde a luz refletida na água estava fraca e alaranjada. Uma névoa subia por entre as árvores. A área ali em volta estava deserta.

Ele esfregou o rosto com as mãos. Sua cabeça estava clareando. Ele começou a se perguntar, talvez muito depois do que na verdade deveria, o que os pais dele estariam pensando. Em geral, eles não se importavam muito com as idas e vindas do filho, mas até eles tinham seus limites. A aula dele já tinha acabado há várias horas. Talvez eles estivessem achando que a entrevista tinha demorado, mas as chances de que eles sequer se lembrassem de que Quentin tinha uma entrevista hoje eram mínimas. Ou, se era verão ali, talvez a aula dele ainda nem tivesse começado. O vertiginoso nevoeiro no qual ele se viu perdido aquela tarde inteira estava começando a se dissipar. Ele começou a se perguntar se era seguro estar ali. Se aquilo fosse um sonho, ele já deveria estar muito perto de acordar.

Do outro lado da porta fechada, ele podia ouvir claramente alguém chorando: um garoto, e que parecia já ser velho demais para ficar chorando na frente dos outros. Um professor estava falando com ele em voz baixa e fir-

me, mas o garoto se recusava ou não conseguia conter o choro. Ele tentou ignorar, mas aquele era um som angustiante e perturbador, um som que abalava as estruturas da muralha de indiferença adolescente erguida a muito custo por Quentin. Por baixo daquilo tudo, havia um quê de medo. As vozes se esvaíram enquanto o garoto era levado embora. Quentin ouviu o reitor falando de um jeito frio e sucinto, tentando não soar irritado.

— Nem sei mais se ainda me importo com isso.

Houve uma resposta, algo inaudível.

— Se não obtivermos quórum, podemos simplesmente mandar todos eles de volta e pular um ano. — A postura cortês de Fogg estava desmoronando. — Nada me deixaria mais feliz agora. Podemos reconstruir o observatório. Ou transformar a escola em um asilo para professores senis. Deus sabe que isso é o que não falta por aqui.

Inaudível.

— Existe, sim, um vigésimo, Melanie. Nós passamos por isso todo ano e vamos vasculhar cada escola, colégio e centro de detenção juvenil até chegarmos a ele, ela, ou seja lá o que for. E, caso eu esteja errado, entregarei meu cargo com todo prazer, e aí o problema será só seu para fazer o que bem quiser. Neste exato momento, nada me deixaria mais feliz que isso.

A porta se abriu um pouco e um rosto preocupado olhou para ele por um instante – era a primeira examinadora de Quentin, a mulher europeia de cabelos escuros e dedos ágeis. Ele ameaçou abrir a boca para perguntar se havia algum telefone ali – o celular dele estava sem sinal –, mas a porta voltou a se fechar. Que coisa irritante. Era só isso? Era para ele ir embora? Ele fez uma careta para si mesmo. Deus sabe o quanto ele adorava aventuras, mas tudo tem seu limite. Isto já tinha ido longe demais.

A sala estava ficando escura. Ele procurou um interruptor, mas não encontrou nada; na verdade, durante todo aquele tempo ali, ele não havia visto um único aparelho elétrico sequer. Nenhum telefone, lâmpada ou relógio. Já fazia um bom tempo desde que Quentin tinha comido aquele sanduíche e o tablete de chocolate amargo, e ele já estava com fome de novo. Levantou-se e foi até a janela, onde estava mais claro.

Os vitrais da janela estavam frouxos pelo tempo. Ele era o último ali? Por que estava demorando tanto? O céu era um manto azul profundo e reluzente, salpicado com enormes e lânguidas espirais de estrelas, estrelas

de Van Gogh que jamais seriam vistas no Brooklyn, afogadas entre a poluição luminosa. Ele se perguntou em que ponto do norte aquele lugar ficava e o que teria acontecido com o bilhete que ele estava perseguindo e nunca chegou a encontrar. Ele queria ainda estar com aquele caderno de anotações que tinha deixado para trás junto com a mochila na primeira sala de prova. Imaginou seus pais jantando juntos na cozinha, alguma coisa assando no forno, o pai cantarolando uma música grotescamente careta, dois copos de vinho tinto em cima da pia. Ele quase sentiu saudades.

Sem nenhum aviso, a porta se abriu de repente, e o reitor entrou, falando por cima do ombro com alguém atrás dele.

— ...um candidato? Tudo bem — disse ele, sarcástico. — Então vamos ver esse candidato. E me traga umas benditas velas! — Ele se virou para frente e se sentou à mesa. Em alguns lugares, a camisa dele estava translúcida pelo suor. Não seria surpresa se ele tivesse bebido um pouco nesse meio-tempo desde que Quentin o tinha visto pela última vez.

— Olá, Quentin. Sente-se, por favor. — Ele apontou para a outra cadeira.

Quentin se sentou; Fogg fechou o botão da gola na camisa e tirou uma gravata do bolso com um gesto rápido e irritado.

A mulher de cabelos escuros entrou na sala atrás de Fogg, seguida pelo homem dos nós, o gordo do lagarto e, depois, todo o resto da quase uma dúzia de homens e mulheres que havia passado por ali naquela tarde. Eles formaram fileiras ao longo das paredes e se amontoaram pelos cantos, esticando os pescoços para vê-lo melhor enquanto trocavam sussurros. O garoto punk também estava lá – ele conseguiu entrar assim que a porta estava sendo fechada, despercebido pelos professores ali presentes.

— Entrem, entrem — acenou o reitor, chamando-os para dentro da sala. — É melhor fazermos isso no conservatório ano que vem. Pearl, venha aqui — disse ele para a jovem loira que havia pedido a Quentin para desenhar um mapa. — Muito bem. Por favor, sente-se, Quentin — disse o reitor, assim que todos se ajeitaram ali dentro.

Quentin já estava sentado. Ele puxou a cadeira um pouco mais à frente.

O reitor Fogg tirou de um bolso um maço de cartas novinho em folha, ainda na embalagem de plástico, uma pilha de moedas e, do outro bolso, quase um dólar em moedas de cinco, que ele pôs sobre a mesa com tanto

vigor que elas logo caíram e se espalharam. Os dois se esticaram para pegá-las.

— Muito bem — repetiu Fogg. — Vamos ao que interessa. — Ele bateu as mãos e as esfregou uma na outra. — Vamos ver um pouco de mágica!

Fogg se encostou para trás na cadeira e cruzou os braços.

Ele já não tinha feito isso? Quentin se esforçou para manter o rosto tranquilo e despreocupado, mas sua cabeça estava em queda livre. Ele tirou lentamente o baralho da embalagem, com o farfalhar ensurdecido do plástico em meio ao silêncio, e apenas observou a um quilômetro mental de distância suas mãos bem treinadas começando a embaralhar e cortar as cartas, embaralhar e cortar. Ele revirou o próprio cérebro, tentando pensar em algum truque que já não tivesse feito da primeira vez. Alguém tossiu.

Ele mal tinha começado a fazer o primeiro truque quando Fogg o interrompeu.

— Não, não, não — riu Fogg de um jeito não muito gentil. — Não é isso. Quero ver magia *de verdade*.

Ele bateu forte na mesa duas vezes com os nós dos dedos e voltou a se encostar. Quentin respirou fundo e olhou para o rosto de Fogg em busca do bom humor que tinha visto antes, mas Fogg estava apenas assistindo, cheio de expectativa. Os olhos dele eram de um azul claro leitoso, mais claro do que os olhos costumam ser.

— Acho que não entendi... — disse Quentin devagar em meio ao silêncio, como se tivesse se esquecido de uma fala na peça da escola e precisasse de ajuda. — O que você quer dizer com magia de verdade?

— Bom, não sei — rebateu Fogg, disparando um olhar sarcástico de lado para os outros professores. — Não sei o que eu quero dizer. Diga-me você o que eu quero dizer.

Quentin embaralhou as cartas mais algumas vezes para ganhar tempo. Ele não sabia o que fazer. Ele faria o que fosse preciso se eles pelo menos dissessem de uma vez o que ele tinha de fazer. “Pronto”, pensou ele, “este é o fim da linha. Este é o gosto do fracasso”. Olhou para os lados, mas todos estavam com expressões vazias ou desviaram o olhar. Ninguém iria ajudá-lo. Ele teria de voltar para o Brooklyn. Para sua própria revolta, ele sentiu lágrimas se acumulando nos olhos. Teve de piscar até secá-las. Ele queria muito não se importar com aquilo, mas era como se estivesse cain-

do para trás, afundando dentro dele mesmo, e não havia nada ali para salvá-lo. “Acabou”, pensou ele. Esta era a prova na qual ele não iria passar. Não era uma grande surpresa, na verdade. Ele só não sabia por quanto tempo eles ainda o deixariam naquela situação.

— Vamos, Quentin — esbravejou Fogg, estalando os dedos. — Acorde!

Ele se esticou sobre a mesa e pegou as mãos de Quentin com força. O contato foi um choque. Os dedos dele eram fortes, secos e quentes de um jeito estranho. Ele começou a mexer nos dedos de Quentin, colocando-os à força em posições incômodas.

— Assim — disse Fogg. — *Assim. Assim.*

— Calma, pare — pediu Quentin. Ele tentou soltar as mãos. — Pare!

Mas Fogg não parou. Os presentes não pareciam nada confortáveis, e alguém disse alguma coisa. Fogg continuou mexendo nas mãos de Quentin, moldando-as. Ele dobrou os dedos de Quentin para trás, esticando-os para os lados até que a pele entre eles começasse a arder. Uma espécie de luz parecia brilhar entre as mãos deles.

— Eu disse pra parar! — berrou Quentin, puxando as mãos.

Aquela raiva fez um bem incrível a ele. Em meio ao silêncio de espanto que se seguiu, ele respirou fundo e exalou com força o ar pelo nariz. Depois de soltá-lo todo, era como se tivesse se livrado um pouco de todo aquele desespero. Ele já estava cheio de ser julgado. Ele vinha engolindo esse tipo de coisa a vida inteira, mas aquilo havia ultrapassado seus limites.

Fogg voltou a falar, mas agora Quentin já nem o ouvia. Ele começou a balbuciar algumas palavras sussurradas, algo familiar. Levou alguns segundos até perceber de onde era aquilo; era a língua estrangeira que ele tinha inventado durante a prova. Era uma língua obscura, conforme ele mesmo tinha decidido, falada em um único arquipélago tropical, um paraíso de tranquilidade e clima quente, uma pintura de Gauguin, abençoada com praias de areia preta, árvores de fruta-pão e nascentes de água doce, com um enfurecido vulcão sagrado de pico vermelho brilhante e uma cultura oral rica em expletivos obscenos. Ele falava aquela língua fluentemente, sem sotaque, como um nativo. O que ele estava murmurando não era bem uma prece. Era mais como uma evocação.

Quentin parou de embaralhar as cartas. Não havia mais volta. Tudo ficou em câmera lenta, como se a sala tivesse sido inundada por um líquido

viscoso, mas perfeitamente translúcido, no qual tudo e todos fluuavam de um jeito calmo e tranquilo. Tudo e todos menos Quentin, que se movia com agilidade. Com as duas mãos juntas, como se estivesse soltando um pombo, ele jogou o baralho sem esforço para o alto. As cartas se espalharam no meio do ar, como um meteorito que se despedaça ao entrar na atmosfera, e, enquanto pairavam de volta para baixo, começaram a se empilhar sobre a mesa. Elas formaram um castelo de cartas. Era uma reprodução reconhecível, ainda que impressionista, do prédio onde eles estavam. As cartas caíam como se por acaso, mas todas se encaixando com perfeição, como se atraídas por ímãs, borda com borda, uma após a outra. As últimas duas, os ases de espada e copas, caíram apoiadas uma contra a outra, formando o telhado da torre do relógio.

Agora a sala inteira estava totalmente estática. O reitor Fogg ficou sentado como se congelado no lugar. Todos os pelos no braço de Quentin estavam arrepiados, mas ele se sentia tranquilo e no controle de tudo. Os dedos dele deixavam rastros fosforescentes quase imperceptíveis no ar. Aquilo certamente era um estado alterado. Ele se inclinou para a frente, soprou o castelo de leve e ele implodiu de volta para um monte perfeito de cartas empilhadas. Ele virou o baralho e o abriu sobre a mesa como um crupiê de *blackjack*. Todas as cartas eram rainhas – de todos os naipes comuns, além de vários outros naipes que não existiam, em cores diferentes: verde, amarelo e azul. A Rainha de Chifres, a Rainha de Relógios, a Rainha de Abelhas, a Rainha de Livros. Algumas estavam vestidas e outras despidoradamente nuas. Algumas tinham o rosto de Julia, e outras, o da linda paramédica.

O reitor Fogg observava Quentin atentamente. Todos estavam olhando para ele. Viram Quentin juntar o baralho de novo, rasgá-lo ao meio sem grande esforço e, então, rasgar as metades na metade e jogar os papéis picados resultantes contra a plateia ali reunida; todos se espantaram, menos Fogg.

Ele se levantou. Sua cadeira tombou para trás.

— Quero saber onde estou — disse Quentin sem erguer a voz. — Quero saber o que estou fazendo aqui.

Ele pegou a pilha de moedas na mão, só que aquilo já não era mais uma pilha de moedas, e sim o cabo de uma reluzente espada de fogo que ele puxou com toda facilidade, como se ela estivesse ali cravada na mesa esse tempo todo.

— Quero saber o que estou fazendo aqui — repetiu Quentin, agora mais alto, para a sala toda. — E se este lugar não é Fillory, será que alguém aqui pode pelo amor de Deus me dizer onde diabos eu estou?

Quentin deixou a ponta da espada pairando sob o nariz de Fogg enquanto contava lentamente até dez, depois a girou e a fincou na mesa. A ponta dela afundou na madeira tenra como manteiga e ficou ali cravada.

Fogg não se moveu. A espada ficou balançando sobre a mesa. Quentin deu uma fungada involuntária. O resto da pouca luz que entrava pela janela esmaeceu. Já era noite.

— Muito bem — disse, por fim, o reitor. Ele afastou sua cadeira da mesa e se levantou. Tirou um lenço muito bem dobrado do bolso e enxugou a testa. — Acho que todos nós podemos concordar que temos um aprovado.

Alguém – o velho dos nós – pôs a mão nas costas de Quentin em um gesto de conforto e então, sem esforço algum, com uma força surpreendente, tirou a espada da mesa e a pôs de lado em um lugar seguro. Uma salva de palmas contida irrompeu entre os professores ali reunidos. Mas logo se transformou em uma ovação.